

Quando Flávio Marinho recebeu um chamado de escritos que Othon Bastos deixou sob sua diligência, confiada pela amizade de décadas dos dois, nenhum deles imaginava que o solo elaborado sob minuciosa pesquisa, posteriormente escrito e dirigido por Flávio levando em conta os principais acontecimentos da existência de Othon, seria o celebrado sucesso de público e crítica que se transformou *Não me entrego, não!*. Com ingressos esgotados desde sua estreia, em junho de 2024, o solo renova sua temporada carioca de 3 de janeiro a 23 de fevereiro no Teatro Vannucci.

Com a experiência de quem criou muitos tipos e começou histórias diversas tantas vezes ao longo da vida, o ator Othon Bastos repete o gesto com frescor e números expressivos. Às vésperas de completar 92 anos de vida e 74 anos de carreira, nos intervalos da temporada oficial Othon tem circulado com o trabalho em diversos estados do país, e já contabiliza mais de 35 mil espectadores.

Dentre tantos méritos, o espetáculo recebeu lãureas como o Prêmio FITA (Festa Internacional de Teatro de Angra), que premiou Flávio Marinho na categoria Melhor Autor e Othon Bastos com o Prêmio Oficial do Júri. A dupla foi ainda homenageada na 1ª edição do Prêmio Arte e Longevidade Rio 2024 e Othon, que está indicado na categoria Melhor Ator pelo júri carioca do Prêmio Shell, levou ainda o prêmio Cariocas do Ano da revista Veja Rio na categoria Teatro.

Considerado o maior ator brasileiro vivo, Othon possui uma carreira de títulos marcantes no cinema (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha) e no teatro (*Um grito parado no ar*, de Gianfrancesco Guarnieri) que são lembrados em cena, propondo uma reflexão sobre cada momento da sua trajetória. É o mural de uma vida dividido em blocos temáticos - trabalho, amor, teatro, cinema, política, etc - cujas reflexões envolvem citações e referências de alguns dos autores mais importantes do mundo. A peça é uma lição de vida



Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, coleciona prêmios e aplausos no solo *'Não me entrego, não!'*

# Ele não sai de cena não!

Vencedor em três premiações e indicado na categoria Melhor Ator no Prêmio Shell (RJ), Othon Bastos estende, agora com mais um dia na semana, a temporada do monólogo visto por mais de 35 mil pessoas, onde relembra vivências e fatos marcantes de sua trajetória

e de resiliência, de como enfrentar os duros obstáculos que se apresentam em nossa existência - e como superá-los.

O desejo de voltar à ribalta partiu do próprio Othon que, após assistir a montagem *"Judy: o arco-íris é aqui"*, ficou com a ideia de estar em cena lembrando suas histórias. "Eu pensei como é maravilhoso contar a vida de alguém no palco. E aí falei com o Flávio que eu queria fazer um espetáculo com ele sobre a minha vida - e entreguei umas 600 páginas de pensamentos escritos sobre coisas que eu gosto, autores, anotações... Ali tinha um resumo bom sobre mim. E fomos fazendo: ele leu, entendeu e foi montando o espetáculo. E é mais difícil me lembrar do texto, embora seja uma peça sobre a mi-

nha própria memória, porque ela chega editada, diferente das lembranças espontâneas", confidencia Othon Bastos.

## Esqueleto dramático

Com a missão de converter tantas lembranças e histórias, Flávio Marinho precisou condensar os anos de vivência do veterano ator em alguns minutos de espetáculo teatral. "À primeira vista, o que temos é o próprio Othon Bastos quem estará em cena contando histórias divertidas e dramáticas da sua vida pessoal e profissional. Isto seria, digamos, o esqueleto dramático da peça. Só que este esqueleto é recheado de diversas reflexões, frutos imediatos do tema abordado por Othon. Por exemplo, depois que ele encontra o amor da vida, com

quem está casado há 57 anos, o texto passa a refletir o sentimento do amor através de diversas referências e citações", adianta o autor e diretor.

O mesmo se dá após Othon mencionar um fato político: a peça envereda por historietas e pequenas pensatas políticas - e assim por diante. "O Flávio escreveu maravilhosamente bem. Começa nos meus 11, 12 anos e vem até hoje. Nada foi fácil para mim, muitos dos meus principais papéis eu entrei substituindo outro ator. Se alguém me perguntar como comecei minha carreira, eu digo que comecei substituindo o Walter Clark, que era meu colega de turma de teatro, e depois muitas outras coisas aconteceram. O Chico Xavier já dizia que se uma coisa é sua, ela te encontra, não é preciso se preocu-

par", pondera o homenageado, que terá a companhia de sua "memória" em cena, a atriz Juliana Medela trazendo observações às suas falas. "A ideia de ter a minha memória em cena foi minha, achei que seria interessante ter uma espécie de Alexa em cena. Ela entra para fazer descrições", diverte-se Othon, numa alusão pra lá de contemporânea à assistente virtual desenvolvida pela Amazon.

"É um momento único, mesmo: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida. É uma experiência muito forte eu ter que ser o meu próprio centro em cena. Mas não trazemos nenhuma lembrança amarga, apenas as alegres e divertidas, para levar curiosidades que vivi ao longo desses anos todos ao público, que saberá o que se passa com um ator - que é uma pessoa comum. Mas, quando se recebe um dom como esse, você tem a capacidade de doar o que recebeu. Então é isso que eu quero, me doar - e que as pessoas me leiam. Quero que elas vejam quem eu sou e como sou", finaliza Othon Bastos.

## SERVIÇO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)

De 3/1 a 23/2, quintas (17h),

sextas (20h), sábados (19h) e

domingos (20h)

Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)